



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SECRETARIA-GERAL
COMISSÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA

25ª Reunião Ordinária da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
Dias 9 e 10 de setembro de 2024
Paraty - Rio de Janeiro

RELATÓRIO

PROGRAMAÇÃO		
09 de Setembro de 2024		
Horário	Atividade	Local
9h	Conhecendo o Quilombo do Campinho	Quilombo do Campinho, Paraty - RJ
Almoço		
13h30	Rio do Tempo: Agroecologia e Territorialidade no Fórum de Comunidades Tradicionais	Quilombo do Campinho, Paraty - RJ
10 de Setembro de 2024		
Horário	Atividade	Local
09h	Propostas e caminhos para o monitoramento do PLANAPO nos territórios	Quilombo do Campinho, Paraty - RJ
10h30	Trabalho em Subcomissões Temáticas: construção da agenda de trabalho e iniciativas prioritárias do PLANAPO para o monitoramento	Quilombo do Campinho, Paraty - RJ
Almoço		
14h	Repasse do trabalho das Subcomissões Temáticas	Quilombo do Campinho, Paraty - RJ
15h	Funcionamento da CNAPO: agendas e participação nos espaços	Quilombo do Campinho, Paraty - RJ
18h	Abertura do I Encontro Internacional Territórios e Saberes	Parque de Exposições, trevo de Paraty, BR-101

Apresentação

A proposta de programação foi estruturada considerando ser a primeira reunião ordinária da CNAPO a ser realizada fora de Brasília, em um território onde se faz agroecologia. No dia 09, foi realizada uma atividade de imersão no território do Fórum de Comunidades Tradicionais, associada a um processo de sistematização da rede de agroecologia, especificamente nas roças do Quilombo do Campinho da Independência. Tentou-se responder às seguintes questões: Quais políticas tem incidência no território? Como as diferentes temáticas são tratadas, se articulam e incidem no território? Como este processo ajuda a pensar a 'chegada' do PLANAPO no território? Quais políticas municipais e estaduais de agroecologia incidem no espaço? Quais são as estratégias de mobilização e a condução metodológica para a dinamização das atividades nos territórios?



Fotos da Recepção dos membros da CNAPO com o Café da Roça, na roça agroecológica do Quilombo do Campinho. 09/09/2024

Momento 1 – Conhecendo o Quilombo do Campinho: Recepção na roça agrofloresta da Nina e do Vaguinho.

Vaguinho (FCT) inicia agradecendo as apresentações, destacando a diversidade das contribuições. Ele menciona a última atividade, que envolveu um varal narrando a história do território, começando com griôs (guardiões da cultura oral) e uma caminhada pela roça.

Adilce (Griô) relata a origem do Quilombo, fundado por três mulheres (Antonica, Maria Luiza e Marcelina), sequestradas da África e trazidas como escravas para o Brasil. Elas foram libertas no século XIX e, após a terra se tornar improdutiva pelos antigos senhores, organizaram-se com outros libertos para formar o território. A mandioca sempre foi o sustento da comunidade, e Adilce enfatiza a importância de transmitir a história e a cultura entre gerações para manter a identidade quilombola viva. Ela também menciona a similaridade entre quilombolas e indígenas nas tradições culturais, como música e dança. Antigamente, as mulheres levavam mandioca e banana ao centro de Paraty e traziam peixe salgado, mas hoje a situação mudou com mais acesso a produtos. A caça foi substituída pela criação de galinhas e porcos.

Álvaro (Griô) recorda a infância, quando trabalhava com a família na roça, aprendendo técnicas como o "aceiro" para controlar o fogo. Ele descreve a introdução do projeto de agrofloresta, que trouxe incertezas no início, mas depois mostrou-se bem-sucedido, destacando o plantio de diversas culturas, como palmito pupunha, bananeira e mandioca. A agrofloresta foi uma mudança positiva para ele, pois deixou de queimar a terra e passou a trabalhar de forma mais sustentável.

Ele também relembra como antigamente, durante as pescas noturnas, usavam "fifó" (uma tocha improvisada) para iluminar o caminho, uma prática comum nas viagens a Paraty.

Práticas do Quilombo do Campinho:

- **Agricultura Tradicional:** A comunidade praticava o cultivo em mutirão, com técnicas tradicionais como o "aceiro da roça" para queimar o terreno de forma controlada e evitar que o fogo avançasse para a mata. Usavam ferramentas simples, como enxadas e rastelos improvisados.

- **Transmissão Cultural e Oral:** A história e a cultura do quilombo são repassadas oralmente pelos mais velhos aos mais jovens, com uma forte ênfase na convivência intergeracional para manter viva a identidade quilombola.
- **Agrofloresta:** Nos tempos mais recentes, a comunidade adotou práticas agroflorestais, substituindo a queima do solo por uma abordagem mais sustentável. Plantam diversas culturas juntas, como palmito pupunha, bananeira, mandioca, feijão e milho. O projeto trouxe benefícios e transformou a maneira como a comunidade trabalha com a terra.
- **Criação de Animais:** Com o tempo, a caça foi substituída pela criação de galinhas e porcos.
- **Trocas Comerciais:** Antigamente, as mulheres da comunidade caminhavam até o centro de Paraty para vender mandioca e banana, e traziam de volta peixe salgado. Hoje, com mais acesso a produtos, a comunidade não depende mais dessas longas caminhadas.
- **Turismo de Base comunitária**



Momento 2 - Apresentação do painel “Rio do Tempo: Agroecologia e Territorialidade no Fórum de Comunidades Tradicionais”.

A metodologia "Rio do Tempo" é uma abordagem utilizada em processos de formação e sensibilização que busca criar um espaço de reflexão e diálogo sobre a trajetória histórica de grupos, comunidades ou territórios.



Principais características da metodologia:

1. **Representação Temporal:** Utiliza uma linha do tempo como ferramenta visual para ajudar os participantes a situarem suas experiências e histórias em um contexto mais amplo. Isso permite que reflitam sobre eventos significativos e suas implicações no presente.
2. **Identidade e Memória:** Promove a valorização da memória coletiva e da identidade dos grupos, permitindo que os participantes compartilhem suas histórias, vivências e saberes. Essa troca de experiências enriquece o entendimento sobre as lutas e conquistas ao longo do tempo.
3. **Participação Ativa:** Estimula a participação ativa dos envolvidos, incentivando-os a se expressarem sobre suas experiências e a construírem coletivamente o conhecimento.
4. **Reflexão Crítica:** Facilita uma análise crítica sobre o passado e suas consequências no presente e no futuro, promovendo uma compreensão mais profunda das relações sociais e das estruturas de poder.
5. **Construção de Futuros Possíveis:** A partir da reflexão sobre o passado, a metodologia ajuda a traçar caminhos para o futuro, questionando e debatendo quais mudanças são desejadas e como podem ser alcançadas.

Aplicação da metodologia: no encontro, diversos representantes de comunidades tradicionais e organizações discutiram a importância da agroecologia, destacando experiências e desafios enfrentados.

Maria Izaltina Silva Santos (Fórum de Povos e Comunidades Tradicionais de Sergipe) enfatizou a ancestralidade no plantio agroecológico e o sucesso do quilombo Brejão dos Negros, que triplicou a produção de arroz sem agrotóxicos, utilizando castanha de caju como pesticida natural.

Neimar Lourenço Santos (CONAQ) destacou a trajetória das comunidades quilombolas, com seis mil delas fazendo quintais produtivos, e reafirmou a autonomia e a importância da agroecologia como prática tradicional.

Mazé Moraes (CONTAG) abordou a necessidade de fortalecer a participação popular na construção de políticas públicas, em oposição ao agronegócio, ressaltando que as conquistas vêm da mobilização da sociedade civil.

Eduardo Safons Soares (Conab) discutiu as diferentes experiências de cada comunidade e a importância de considerar as particularidades territoriais no monitoramento de políticas.

Sidélia Silva (Incubadora de Tecnologias Sociais do OTSS) destacou o papel das mulheres na cozinha tradicional como espaço de poder e articulação política, defendendo a valorização de saberes e tradições na agroecologia.

Adriana Mezdri (MMC) mencionou as dificuldades na implementação das políticas da CNAPO, mas ressaltou a necessidade de avançar na produção coletiva e fortalecer as metodologias construídas nos territórios.

Daniel Peter Beniamino (MMA) enfatizou a importância de políticas públicas inclusivas e articuladas, que considerem a participação das comunidades e as demandas locais.

Luciano Marçal da Silveira (Rede ATER Nordeste) falou sobre a necessidade de inovar nas práticas e na relação entre Estado e sociedade civil, utilizando o monitoramento como ferramenta para fortalecer a agroecologia.

Patricia Dias Tavares (SG) finalizou sugerindo a reavaliação das políticas e a importância de levar as discussões aos territórios, promovendo um diálogo mais próximo e direto com as comunidades.

Momento 3 - Propostas e caminhos para o monitoramento do PLANAPO nos territórios

Questões para discussão: como enxergar a CNAPO no(s) território(s)? Quais políticas têm incidência no território? Como os temas se articulam e incidem no território? Como este processo ajuda a pensar a “chegada” do PLANAPO no território? Quais políticas estaduais e municipais de agroecologia e correlatas que acontecem no espaço? Quais estratégias de

mobilização - metodologia de dinamização das atividades nos territórios? Quais os conflitos existentes? Quais as Instituições parceiras?

Alguns princípios que orientam o desenvolvimento do trabalho de monitoramento:

- **Comunicação:** Como melhorar?
- **Intersetorialidade:** O PLANAPO e outros planos têm essa característica, mas a gestão em Brasília não consegue ter essa dimensão que acontece no território. Necessário entender como ocorre para entender o princípio. Importância de outros ministérios ligados à agroecologia também fortalecer.
- **Participação Social:** como processo parte da educação popular do movimento social para impulsionar o rio da vida, do tempo, que traz isso em si.
- **Perspectiva de continuidade:** como que o processo de monitoramento impulsiona a agroecologia a dar continuidade nos próprios territórios? Como as ações mobilizadoras dão suporte para ações metodológicas do território? Entender melhor quais seriam as metodologias para dinamizar a sistematização.

Encaminhamentos:

- Construir espaço, laboratório, observatório, que pudessem tratar disso nos territórios para ampliar participação social, criar ferramentas de análise conjunta;
- Pensar em como organizar e disponibilizar informações de dados quantitativos/tecnocráticos e de processo/dados qualitativos;
- Impulsionar processos formativos nos territórios. Para isso, precisaria captar recursos. Indicativo de R\$ 15 milhões a partir de encomenda do Ministério Ciência e Tecnologia para dizer quais seriam as ações de políticas com ciência que pudessem monitorar o início do plano intersetorial de monitoramento de política pública e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO).
- Indicaram convidar mais pessoas para pensar e agregar no monitoramento dos planos e programas.

Citações notáveis

- “Pedir a benção dos anciões e dos ancestrais desta terra (...) que Exu possa despertar o nosso conhecimento guardado” (**Antônio Bonfim - Brejão dos Negros – SE**)
- “Sou sou marisqueira, rainha do mangue sou guerreira, sou, sou marisqueira mulher de luta, batalhadora” (**Geonisia - Marisqueira de Sergipe**)
- “A mata tá libertando as guerreiras estão chegando” (**Jairã Santos – CNAPO**)
- “Me parece que esse monitoramento é um processo formativo (...) como esse processo parte da educação popular e participação (...) a gente precisa entender melhor as metodologias de participação (...) como a gente consegue fazer dados não só tecnocráticos, quantitativos, mas sociais e qualitativos” (**Patricia – CNAPO**)
- “A importância de fazer o debate aqui (quilombo) (...) a gente está aqui para abrir caminhos (...), falar de monitoramento, é falar do resgate de memórias (...) a política tem que produzir a legislação junto com o território, voltando para Brasília e

retornando para o território novamente, formando um ciclo.” (**Paulo Petersen – CNAPO**)

- “Entender que a agroecologia não é apenas no nome, muitos outros povos fazem agroecologia, mas não com esse nome (...) o turismo de base comunitária está dando a chance de os povos contarem suas memórias como elas são, diferente do epistemicídio com o turismo comercial (...) quem deve dizer o caminho da agroecologia é quem está no território” (**Paulo Petersen – CNAPO**)
- “Mudar o sentido da política pública é primeiro, botar um freio nas políticas inviabilizadoras da agroecologia, outro caminho são as políticas que auxiliam nos rios da agroecologia (...) abrir o olhar é essencial para abrir os caminhos (...) Resgatar como era feito antes para o monitoramento” (**Paulo Petersen – CNAPO**)
- “- O planejamento para o 3º plano é que tem que ser enraizado nos territórios” (**Ynaiá Bueno – MDA**)
- “Uma coisa é eu cumprir metas qualitativas, mas que não quer dizer um resultado qualitativo para a comunidade (...) Manter o PLANAPO no mesmo período do PPA (plano pluri anual) (...) fazer um casamento do PLANAPO com o PPA (...) não podemos dissociar o planejamento com o monitoramento” (**Paulo Petersen – CNAPO**)
- Pensar a agroecologia não apenas em território único, mas ela se expressa de diferentes formas dentro do Brasil (**Laércio Meirelles – CNAPO**)
- “A melhor forma de conseguir progredir na discussão dos monitoramentos é conhecer as experiências dos territórios” (**Philippe Caetano - CNAPO**)
- “A gente precisa que a sociedade civil e o governo se juntem para mudanças políticas” (**Elisabete Cardoso - MDA**)
- “Como discutir o território se até o acesso à terra é difícil? (...) as comunidades tradicionais já têm o conhecimento de como produzir, a necessidade de assistência técnica para o produto ser elaborado com os parâmetros do governo” (**Antônio Bonfim – Brejão dos Negros SE**)
- “Nossos territórios estão sendo ameaçados de extinção, e nós mulheres somos as que mais estão sofrendo” (**Elizete - CNAPO**)

Propostas e caminhos para o monitoramento do PLANAPO



Momento 4 - Trabalho em Subcomissões Temáticas: construção da agenda de trabalho e iniciativas prioritárias do PLANAPO para o monitoramento

As subcomissões temáticas da CNAPO se reuniram para fazer um levantamento das iniciativas prioritárias do PLANAPO para o monitoramento, segue em anexo no final do relatório a tabela com as iniciativas destacadas por cada subcomissão.

Momento 5 - Funcionamento da CNAPO: agendas e participação nos espaços

- Informes G20 e COP 30;
- Informe OMECs
- Plano Clima Agricultura Familiar – provocar o CONDRAF - participação de alguém do CNPCT
- Plano Clima Participativo
- Reunião presencial CNAPO - Seminário PRONARA (informes e tomar decisão sobre alteração de calendário);
- Lançamento PLANAPO;

- Participação no EITs e articulação com o CNPCT

Participação (Lista de presença em anexo)



Participantes da 25ª Reunião Ordinária da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – CNAPO.

GOVERNO – Membros CNAPO

Secretaria-Geral da Presidência da República – SG

Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – ANATER

Ministério da Agricultura e Pecuária – MAPA

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA

Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar – MDA

Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB

Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome – MDS

Ministério da Educação – MEC

Ministério da Igualdade Racial - MIR

Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima – MMA

Ministério dos Povos Indígenas - MPI

Ministério da Saúde –MS

Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA)

GOVERNO – Outros Convidados

Ministério da Cultura – MinC

SOCIEDADE CIVIL – Membros CNAPO

Associação Brasileira de Agroecologia – ABA
Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica – ABD
Articulação Nacional de Agroecologia – ANA
Articulação de Agroecologia da Amazônia – ANA Amazônia
Associação Programa Um Milhão de Cisternas para o Semiárido – AP1MC
Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB
Comissão Nacional de Produção Orgânica – CPOrg
Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares – CONTAG
Fórum Brasileiro de Sistemas Participativos de Garantia e Organizações de Controle Social – FBSPG
Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba – FCT
Instituto Brasil Orgânico – IBO
Movimento Camponês Popular – MCP
Movimento de Mulheres Camponesas – MMC e Associação Nacional de Mulheres Camponesas – ANMC
Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste – MMTR-NE
Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA
Rede ATER Nordeste de Agroecologia
Rede ECOVIDA de Agroecologia

SOCIEDADE CIVIL – Outros Convidados

Fórum de Povos e Comunidades Tradicionais de Sergipe - FCT/SE
Aldeia Itaxi-Mirim
Emater-RJ
CONAQ
INES-RJ
IEAR/UFF
OTSS
AMOQC
CPII/UNIRIO
UNESP
MMS/SE
ESALQ/USP
UFS
Associação dos Povos Indígenas da Terra São Marcos – APITSM
Associação Quilombola Santa Cruz do Brejão dos Negros
Representantes da Comissão Tenodra
Comunitários e lideranças do Quilombo do Campinho, que foram os responsáveis e anfitriões do evento.

Anexo planilha de prioridades:

[Planilha de prioridades PLANAPO](#)

[Planilha de prioridades do PLANAPO](#)